

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e as outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

ADMINISTRADOR; J. A. Fernandes Junior — REDACTOR PRINCIPAL; Manoel Gomes da Silva — SECRETARIO; Victor Gomes

Assignaturas	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Annuncios
Por series de 6 ou 12 num. (cada num.) 30 réis	Travessa d'Assumpção, 59, 1.º	Cada linha 20 réis
Provincias, idem 40 "		Quando acompanhado de desenhos, gravu- ras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.
Estrangeiro e Colonias, idem 50 "		
Brazil, idem 60 "		

EXPEDIENTE

AUX MAISONS ÉTRANGÈRES (les anglaises exceptées)

À messieurs les représentants des fabriques et maisons industrielles et commerciales, à qui nous remettons notre journal nous leur prions de nos favoriser de leurs abonnements et annonces, en s'adressant au redacteur en chef de la *Sapataria Portugueza*, M. Gomes da Silva, 59, 1.º, Travessa da Assumpção—LISBONNE.

O pagamento das assignaturas é adiantado. A administração está procedendo á cobrança das assignaturas em Lisboa. Os srs assignantes da provincia obsequiam-nos mandando fazer o pagamento em vales ou estampilhas ou como melhor convier, dirigindo sua correspondencia ao administrador do jornal, J. A. Fernandes Junior, travessa da Assumpção n.º 59, 1.º.

Entendemos que são assignantes aquelles senhores, a quem temos enviado o jornal, e não o teem devolvido.

Os artigos não assignados são da responsabilidade do redactor principal

Agradecemos muito penhorados a delicadeza das redacções dos jornaes que nos honraram com a troca.

Constando-nos que pelo correio não teem chegado ao seu destino alguns jornaes, mandaremos outros exemplares aos srs. assignantes que os reclamarem.

Temos recebido alguns jornaes recambiados sem indicação dos nomes dos individuos que os devolveram.

A nova lei de imprensa decretada em dictadura tambem implicou com o nosso jornal; tendo-se de satisfazer as formalidades exigidas, habilitando o nosso editor, a distribuição deste numero foi demorada; pelo que os srs. assignantes nos desculparão.

A MACHINA

A MACHINA produziu uma revolução extraordinaria no trabalho humano; e o seu aperfeiçoamento não cessou ainda. De modo que as innovações successivas vão alterando e transtornando os processos e usos antes adoptados.

A machina é um auxiliar para poupar as forças do homem, é um meio de velocidade para ganhar tempo, e sendo cara é um elemento de barateza.

Na navegação e nas estradas encurta as distancias, e augmenta o movimento commercial, favorecendo ao mesmo tempo a maior extracção aos productos do trabalho agricola e industrial.

Na agricultura e na industria poupa o esforço humano, abrevia, aperfeiçoa e barateia o trabalho.

Produz beneficios depois de haver causado damnos aos interesses creados á sombra de velhos processos e usos. No trabalho industrial barateando os productos os apresenta abundantes, precisando de menor numero de braços humanos, dispensa operarios.

Tem pois vantagens, mas tambem offerece inconvenientes. Todavia nós a vemos aproveitada e procurada. Temos forçosamente de aceitar as consequencias. E' baldada a opposição, ella segue caminho.

Na confecção do calçado parecia impossivel que ella viesse substituir o trabalho braçal, mas veio. Causou admiração, mas foi admittida, a primeira machina atacando o trabalho do ajuntado das diversas peças que compõem o cano de uma bota. O trabalho somente feito com a sovella ou com a agulha, manualmente, passou a ser quasi unicamente executado na machina, sem que se dispense o acompanhamento de operarias.

O genio inventivo do homem emprehendedor estudou como alcançar coser solas com machina, como ligar a solaria com o fio, com o prego e com o parafuso. Está conseguido, e agora em lucta diversos auctores disputam a mais util e mais aperfeiçoada.

Não pára nunca a invenção; mais machinas se crearam para executar outras operações da confecção da solaria, é comprida a lista, está muito reduzida a parte da intervenção do homem.

A carestia do cosido manual a ponto miudo desaparece com a machina respectiva. A que se presta aos cosidos de sapatos virados occorre ao grande fornecimento das chinellas. Todas as que são precisas para formar e acabar os tacões são engenhosas.

A velocidade do trabalho augmenta com a intervenção do vapor; fabricas ha com motores da força de 20 e 30 cavallos.

A produção diaria tem necessariamente de ser avultada, ha fabricas mechanicas produzindo mil e mais pares cada dia. Com capital avultado empatado no machinismo, só se colhe beneficio compensador produzindo-se bastante.

Emquanto os braços do homem fazem coser solas de tres pares cada dia, a machina especial chega a coser de trezentos!

Eis o inimigo que encommoda com a sua poderosa concorrencia a fabricacção manual, e o systema antigo.

Os portuguezes, geralmente agarrados á rotina, observam com terror o mal que as machinas lhes fazem, apoderando-se dos mercados do Brazil e das colonias, e o que é mais, até dos mercados de Lisboa e Porto, e sentem-se fracos ou pouco resolutos para aceitar o novo systema.

Assim, o trabalho estrangeiro avança, o nacional recua. Ouvem-se as lamentações da decadencia de uma industria, que occupara dezenas de milhares de braços, o seu numero está diminuindo; para algumas especialidades de trabalho já é difficil encontrar quem as execute, quem as saiba executar.

E' assumpto bastante grave que a *Associação Industrial dos Lojistas de Calçado* terá de apreciar, agoar no inquerito a que officalmente está procedendo.

Associação Industrial dos Logistas de Calçado

INQUERITO À SAPATARIA

Nos dias 16 e 20 de março reuniu a assembléa geral da nossa associação, para discussão do questionário publicado no nosso jornal n.º 3, e habilitar-se a associação a responder ao inquerito sobre o estado do nosso ramo industrial.

Acerca dos assumptos a que se referem os quesitos 1.º a 5.º fallaram os socios os srs. Velloso, Pires, Madeira, Fernandes e Gomes da Silva, averiguando-se:

1.º Que a situação da industria do calçado depois do inquerito de 1881 peiorou.

2.º Que tem diminuido a exportação para o Brazil e para as nossas colonias.

3.º As causas são no Brazil o desenvolvimento da sua fabricação nacional, creando-se importantes fabricas mechanicas; a concorrência de estrangeiros feita por fabricantes poderosos, que dispõem de grosso capital, de machinas e de materias primas mais baratas. Nas colonias, Africa occidental, baixo o direito das tarifas para calçados, que feitos mechanicamente, por tal processo a economia do custo da fabricação é superior ao direito; a preponderancia do elemento estrangeiro gosando de relações faceis com casas poderosas dos seus paizes.

Na Africa oriental, muito pequeno imposto aduaneiro, preponderancia do elemento estrangeiro, limitado numero de negociantes portugueses em correspondencia com a metropole—o grande deposito das manufacturas inglezas em Bombaim, francezas em Marseille, que abastecem alli os nossos mercados!

Na India, falta de navegação directa sob a bandeira nacional, a navegação e o commercio em poder dos inglezes; proximo o grande mercado inglez de Bombaim como recurso de prompto supprimento!

Na China, Macau, falta de navegação directa; o commercio de Lisboa sem relações com esta colonia!

Na Oceania, Timor abandonado, sem navegação directa, sem relações commerciaes com a metropole!!!

4.º Os nossos concorrentes são em toda a parte os inglezes, os francezes no Brazil e em Africa, os allemães em Africa, os austriacos no Brazil.

Para lutar com estes concorrentes precisamos possuir elementos eguaes aos que elles disfrutam nos seus paizes: abundancia de capital, juro baixo, mechanica, auxilio governamental, com tudo o que a nossa actividade tambem se manifestará.

5.º As transacções para exportação, geralmente são feitas por intermedio de negociantes de Lisboa, que pagam de prompto. Poucas e difficilmente se fazem transacções directas. Mais uma circumstancia a favor dos fabricantes estrangeiros, os quaes se servem de intermediarios, agentes e banqueiros, e ainda facilitam prazos para os pagamentos.

Continúa na sessão de 20 do corrente a discussão sobre os outros quesitos do questionário. E' assumpto gravissimo, e para o qual se deve esperar toda a attenção. Procedem mal aquelles que deixam correr a sorte os seus interesses dependentes da melhor resolução.

Um nosso consocio queixou-se em reunião que antes fazia consideravel fornecimento de calçado grosso para o exercito portuguez de Africa (occidental e oriental) por intervenção de duas casas de Lisboa, e que actualmente o fornecimento está sendo feito com calçado *inglez!* De repente despediu operarios, e para maior infelicidade ao mesmo tempo a Penitenciaria de Lisboa lhe arrebatára parte do fornecimento que tinha para o exercito da metropole.

Parece incrível, sr. ministro da marinha, que soldados portuguezes calçem botas inglezas! É indecente, escandaloso, mas se os inglezes podem tanto em nossa casa!

Se houvera mais patriotismo, não succederia isto.

No dia 30 de abril acaba o prazo para a admissão de socios fundadores *sem pagamento de joia.*

Segundo o projecto de estatutos da nossa cooperativa só podem fazer parte d'ella socios da Associação Industrial dos Logistas de Calçado.

Podem tambem pertencer á Associação individuos com domicilio fora de Lisboa.

Como devam ser de muita vantagem as compras feitas no deposito da Cooperativa, os interesses a esperar sendo superiores ao encargo da quotisação de socio, ha por isso bastante conveniencia em pertencer á Associação.

Os estatutos da Associação tendo já tido voto favoravel no Tribunal Administrativo, em breve obterão a approvação do Governo Civil do Districto.

Assembléa Geral

Reunião no domingo 20 pelas 7 horas da tarde, na casa da Associação Industrial Portuguesa, rua Ivens (São Francisco) n.º 19 1.º andar para a continuação do inquerito á industria do calçado. Podem comparecer não socios.

Casa da Associação 10 de Abril de 1890—O secretario Alfredo Carvalho.

Secção technica

As machinas de casear

Ha diversas, limitar me hei a escolher entre ellas dous modelos que são apreciados e dão muito resultado.

Devo dizer antes de tudo, que a nossa clientella franceza não se habituou de prompto á confecção mechanica do caseado.

Teria ella razão? De nenhum modo, mas os prejuizos inveterados são muito difficéis de destruir.

O trabalho era irreprehensivel, a regularidade era perfeita e ainda maior do que no trabalho á mão, pois que é uma das vantagens de qualquer machina, de executar muito regularmente. Apesar d'isto o cliente apresentava duvidas sobre a solidez.

Felizmente para todos, compradores e fabricantes, estes ultimos entenderam conveniente impondo a caseadeira mechanica aos seus clientes, que poderam reconhecer que ella valia bem a caseadeira á mão, e que era mais bonita.

Hoje, pois, todas as fabricas de calçado (eu não me refiro á sapataria de medida) fazem as casas dos seus artigos com a machina, e se vendem sem difficuldade.

A primeira das machinas, de que vou fallar, foi inventada por um francez, e construida em França nas suas officinas.

Esta machina funciona com 4 fios, dous de torçal e dous de linho. Um de torçal passa na agulha, que *á parte seu movimento vertical, de alto a baixo, possuindo um outro movimento de vae e vem, de direita á esquerda*, produz uma laçada (*boucle*) por cima do segundo fio de torçal, que elle atravessa em um dedo (*doigt*), peça disposta para tal effeito ao lado do pé de corça (*ped de biche*).

O terceiro fio é um grosso fio torcido (*cabie*), em volta do qual se faz a casa, e emfim o quarto fio é o da laçadeira.

Esta machina é muito complicada, como se pode deprehender pela descripção, que acabo de esboçar, mas com uma boa operaria se obtém trabalho maravilhoso e abundante; podendo fazer a machina, sem exaggeração, 600 casas por dia.

Devo ajuntar que esta machina só trabalha a pé, e não a vapor, o que constitue uma vantagem para os fabricantes que não possuem motor.

Como toda a machina se deve justificar pela economia vou dar alguns calculos.

As casas á mão pagam-se a rasão de franco 0,25 (45 réis) a duzia pondo a costureira o torçal. As 600 casas, que a machina pôde produzir por dia, por aquelle preço custariam 12,50 francos.

Em lugar d'isto teremos, a operaria guiando a machina, com o salario de..... 2,50 fr.

Os aviaamentos em uma duzia de casas importando..... 0,075 fr, em 50 duzias são..... 3,75 fr.

Total... 6,25 fr.

E' uma economia de metade sobre o trabalho manual, o que é alguma cousa.

Esta machina, que agora custa 300 a 400 francos, tem sido certamente depressa ganha por aquelles que d'ella tem feito acquisição.

A segunda machina, de que me falta faltar, só funciona com motor. Isto constitue o primeiro inconveniente; o segundo é o seu preço elevado 1.500 a 2.000 francos, eu creio; e esta carestia desvia muitos fabricantes que esperam custe menos para a experimentarem.

A parte esta circumstancia, a sua producção é consideravel.

Ella abre a casa, e ao contrario dos mais systems, o cano do calçado está estacionario, e é a machina que picando, trabalha em volta da casa. O trabalho é automatico, e não necessita de especialista para o guiar. Sua producção é de 2.000 a 3.000 casas por dia.

Em resumo, aquella que mais me conviria, a precisar comprar seria a primeira. Citei a segunda a titulo de documento, porque é curiosa, mas ainda preferia a primeira por ser franceza, quanto que a segunda é....., tereis adivinhado.

6 de março 1890.

Nantes (Loire Inferieure) avenue de la Pelleterie.

Edouard Malgoire.

Secção Industrial

Tratados de commercio

Em Portugal ainda não teve principio o inquerito industrial, mais um mez não aproveitado!

Em Hespanha funciona em Madrid a *Comisión para el estudio de la reforma arancelaria y los tratados de comercio*. São preparatorios para a reforma em 1892.

Em França, o ministro do Commercio, da Industria e das Colonias está recolhendo as respostas aos questionarios enviados ás associações e aos industriaes.

Demos no numero antecedente a resposta á 1.^a questão dada pela *Chambre Syndicale de la Chaussure en Gros de Paris*. Transcrevemos as outras.

A 2.^a questão — Os nossos productos são exportados principalmente:

«Na Europa, para Inglaterra que tem o primeiro lugar, depois para Belgica, Romania e Turquia.

«Nos paizes interoceânicos para a America do Sul.

«Os negocios na Europa tratam se directamente com os compradores, e na America por intermedio de commissarios.

«São nossos concorrentes na Europa a Inglaterra, a Austria e a Alemanha do Norte — nas Antilhas hespanholas, unicamente a Hespanha — na America do Sul, a Inglaterra, a Austria, a Suissa e a Alemanha do Norte.

«A causa da concorrência d'estes diferentes paizes provém, em alguns, da barateza da mão d'obra, da barateza das materias primas, e sobre tudo do abaixamento do preço de custo em consequencia da situação economica de alguns d'estes paizes em relação ao nosso.

«O valor da exportação é actualmente de 65 a 70 milhões de francos (12.600 contos de réis), ou, em média, de 6 a 7 por cento do valor total da fabricaçãõ franceza de calçado, a qual pôde ser calculada em um milhar (180 mil contos de réis!)

«A cifra de 70 milhões de francos fórma quasi a setima parte da totalidade da exportação dos productos fabricados; tinha attingido, ha alguns annos, perto de 100 milhões, isto é, a quarta parte.

«Não temos nenhuns elementos para poder citar o valor dos negocios que os nossos concorrentes fazem nos mercados para onde exportamos.

«Os consul.s poderiam só talvez fornecer este esclarecimento; contudo, é certo que a cifra dos negocios d'estes diversos paizes, tomada isoladamente, é superior á nossa.

«A diminuição da nossa exportação depois de 1878, attribuímos ao desenvolvimento das fabricas estrangeiras, que se creou durante a guerra franco-allema; os estrangeiros actualmente tomaram o nosso lugar em certos mercados, e tem augmentado successivamente a sua producção, e tem podido sustentar a nossa concorrência em virtude da nossa situação economica.

«A 3.^a questão — A camara syndical pede a denunciação dos tratados de commercio, e sua substituição por tratados de curto prazo; as condições da fabricaçãõ mudando rapidamente, tal tratado, bom hoje, pôde amanhã ser desvantajoso; indicamos a applicação d'uma só tarifa geral, baseada sobre a reciprocidade dos direitos a estabelecer.»

Continuaremos as respostas ao questionario francez, e por hoje concluímos fazendo o paralelo entre o procedimento das tres nações.

Em Hespanha o ministro interroga as sociedades industriaes, e estas tem adiantado o estudo das respostas — em França o ministro P. Tirard na sua circular pede se apressem as respostas até 15 de fevereiro ultimo — em Portugal ainda não sahio á luz o interrogatorio.

N'isto se vê que no nosso paiz os assumptos do fomento economico são tratados com muita morosidade, e por tanto com menor consideração.

Esperemos, não ha outro remedio.

Em Inglaterra

The Economist, de Londres, annuncia que a questão da renovação dos tratados de commercio, que expiram em 1892, está em ordem do dia na *Associação das Camaras do Commercio*.

A importante folha ingleza acrescenta:

«O governo nada tem feito sobre o assumpto. Deve limitar-se a observar o que se passa no estrangeiro. Depois, antes do outomno proximo, nenhuma indicação precisa poderá haver sobre a politica commercial que as nações continentaes tenham de adoptar em 1892.»

(*Commercio de Portugal*, 27 de março.)

Os cortumes no Porto

II

Disse no meu artigo antecedente que a vitella nacional (vulgo vitella verde) branca ou engraxada, tem muito maior resistencia do que a estrangeira. Assim é. Tenho o exemplo em casa.

A vitell allemã de Corneliu. Heyl, a de maior consumo n'este mercado, rompe as segundas solas, enquanto que a outra rompe terceiras e quartas.

Os fabricantes de calçado deveriam pois preferir este producto nacional e fazer ver aos seus clientes que elle é preferivel por a sua duração, embora seja menos perfeito. Com o tempo se aperfeiçoará.

E' assim que o patriotismo deve ser entendido.

E' tempo de por de lado a indiferença, a má vontade mesmo por as cousas portuguezas. Pois se nós não nos consideramos, quem nos ha de considerar? Esta má orientação do nosso espirito manifesta-se em tudo. Nós entendemos que os governos, e só elles, tem obrigação de cuidar do nosso bem estar e da prosperidade da nação. N'esta doce illusão vivemos, querendo que elles pensem por nós, que elles só por si devem tornar prosperos os nossos negocios, reservando nos apenas o doce encargo de colher os fructos.

Sabemos que os governos tem concorrido para o lamentavel estado economico em que nos encontramos; que assim como elles tem tomado espontaneamente resoluções ruinsas, podiam ter feito o contrario; porém a culpa é toda da nação, que tudo espera d'elles, recebendo com indiferença as más deliberações e sem entusiasmo as boas.

Havia aqui uma industria, — a das caixinhas para aderços — que um dos tratados de commercio matou. N'esse tratado estipularam-se elevados direitos d'importação para os artigos necessarios para a sua elaboração: pelles, madeira, setim, etc., e direitos diminutos para as caixas feitas. O resultado d'isto foi extinguir-se a nossa industria.

Mas talvez se supponha que os interessados reclamaram. Não senhor. Elles aceitaram esta situação com resignação sómente comparavel á sua indiferença.

Voltemos ao nosso assumpto dos cortumes.

Em pelles finas só posso especialisar as pellicas para luvas e os *chagrins*. O fabricante, J. Riobom dos Santos, á praça d'Alegria, tem preparado uns *chagrins* pretos, que imitam soffrivelmente os seus similares estrangeiros, levando sobre estes uma grande vantagem no preço, talvez 50 %.

Porto, 2 de abril de 1890.

A. S. Jorge.

Secção Commercial

Negocio do calçado

Ainda continuou em março a pathia dos negocios. Nos armazens de calçado a venda avulso foi escassa; os fabricantes de trabalho por medida poderam ter algumas encomendas; os fornecedores para exportação queixam-se de terem menos ordens do que no anno precedente; os pedidos para as provincias foram muito insignificantes.

A sapataria tem atravessado uma crise grave, todos os annos o negocio é menor n'este tempo, mas o actual tem sido muito mais desfavoravel.

Soffrem os fabricantes e commerciantes, quando não real'sam apuros para fazer face aos encargos correntes. Mas os operarios, os que vivem do trabalho de cada dia, raros os felizes, o maior numero ou lhes faltou inteiramente trabalho, ou lhes foi dado em limitada quantidade.

Mas não foi só em Portugal que o trabalho foi fraco; as noticias de Hespanha, França, Alemanha, Austria e Italia não foram de maior animação, quanto ao consumo interno.

Nas grandes fabricas, em que ha proporções para segurar a exportação, ahi em algumas nações as encomendas não lhes faltaram.

Distinguem-se principalmente as fabricas inglezas, que continuam sendo fortes em fornecimentos para as suas colonias, e as alieias, incluindo as portuguezas!

A exportação é a alma do trabalho industrial; entre nós apesar do muito limitado movimento para a Africa, já se apreciam as encomendas que os nossos paquetes transportam. Nas vesperas dos dias 6 e 21 nota-se algum movimento que alegra, mas é bastante pequeno para nação que conta, apesar das dadas e usurpações, ainda grande extensão de territorio colonial.

Portugal pôde ser feliz, quando o seu povo trabalhar mais, e quando houver governo que se dedique seriamente a desenvolver a riqueza nacional.

Mercado dos couros

Da *Revista Commercial*, publicada pelo *Commercio de Portugal* em 1 de abril, extrahimos o seguinte:

«O mais importante que houve n'este artigo foi a baixa de preços que tiveram os couros, até 12 kilos, dos salgados bons de Pernambuco, os quaes estavam sustentados ha mais de quinze mezes, com pasmo geral dos importadores de couros das mais procedencias. A queda foi só de 20 réis por kilo, porém agora em presença de mais de dez mil couros de Pernambuco, que estão descarregando, não será para admirar que os preços venham para a proporção relativa que devam ter, comparados com os preços dos das mais qualidades, os quaes continuaram estacionarios.

«Vaquetas, não constam vendas.»

Secção de Estatistica

PORTUGAL

Importação em 1884 e 1888 das seguintes mercadorias

Pelles ou couros curtidos de cores, marroquinados ou envernizados

Anno de 1884 valor.....	94:575\$000 réis
" 1888 ".....	130:970\$000 "

Pelles ou couros curtidos não especificados (em que se comprehendem as vitellas pretas)

Anno de 1884 valor.....	142:442\$000 réis
" 1888 ".....	158:755\$000 "

Pelles ou couros em obra não especificados

Anno de 1884 valor.....	23:225\$000 réis
" 1888 ".....	30:687\$000 "

Se o calçado exportado diminue, as materias primas importadas crescem, devemos entender que a industria nacional dos cortumes terá produzido muito menos!

Secção colonial

NAVEGAÇÃO COLONIAL

Boa nova, oxalá se realize todo o plano.

As duas empresas de navegação *Mala Real Portuguesa* e *Empresa Nacional* accordaram na sua fusão e reforço de capital.

Além do serviço já em pratica na Africa occidental e oriental, projecta-se a ligação de Moçambique com a Índia, de Macau e Timor com a metropole, a navegação dos rios na Africa oriental, a cabotagem entre as duas provincias occidental e oriental, em Loanda uma ponte-caes com caminho de ferro anexo para o serviço da alfandega, em Mossamedes uma doca de reparação e officinas anexas, a ligação entre Lisboa, os portos francezes, belgas e allemães, e as suas respectivas colonias em Africa, e finalmente a carreira do Brazil.

Soubemos a noticia com grande alegria, e maior será quando virmos a realidade.

Faltava a iniciativa particular, a disposição dos capitães, a bofetada ingleza fez-nos o serviço de dispôr o patriotismo para a realisação de uma obra de tão grande utilidade.

Parabens á industria e ao commercio. Mil louvores aos promotores do empreendimento.

LOANDA

No comício celebrado em Loanda em 8 de fevereiro, sob a presidencia do sr. Ayala dos Prazeres, se tomaram as resoluções de se contribuir para a subscrição nacional, e de se quebrar as relações commerciaes com as casas inglezas.

Na estatistica de 1888 encontramos que por via de Lisboa foram reexportados para Angola:

6:590 pares de calçado de Inglaterra, 618 pares de calçado de França, 478 pares de calçado da Alemanha.

Estimaremos que o patriotismo dos negociantes de Angola agora se decida a substituir os calçados estrangeiros por outros de proveniencia nacional.

Salvo se tal negocio é expediente de casas estrangeiras. Nas nossas colonias predomina o elemento principalmente inglez, e assim cada um prefere proteger a sua nação. São raras as casas portuguezas de commercio, e o dinheiro dos nossos capitalistas pequena animação lhes dá! Dizem os inglezes para que queremos colonias, senão cuidamos de as aproveitar.

N'aquelle anno de 1888 accusa a estatistica a reexportação por via de Lisboa para as nossas colonias africanas de 9:440 pares de calçado!

MOÇAMBIQUE

Informam-nos que em Moçambique (Africa oriental) se acha installada uma escola de artes e officios, na qual existe uma officina de sapateiro, para mestre da qual o governo contratou o nosso artista distincto de Lisboa, o sr. Claudio José Monteiro.

Acha-se fornecida de fôrmas, utensilios e materias idos de Lisboa. N'ella recebem o ensino do officio alguns mulattos e pretos, occupando-se em concertos e obras novas, debaixo da direcção do mesmo habil mestre.

Consta-nos que em Loanda está creada outra escola de artes e officios.

ÍNDIA

Approxima-se a terminação do celebre e ominoso *tratado da India* de 26 de dezembro de 1878, que é um dos actos de mais vergonhosa subservencia entre os muitos que tem assignalado a serie secular de humilhações de Portugal perante a Inglaterra. Pelo artigo 12.º foi estipulada a duração de 12 annos. E' chegado o momento de obstar a negociações para a sua renovação. E' urgente expulsar do nosso territorio indiano os agentes inglezes que alli residem e mandam como em sua casa!

Secção de Exposições

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

A Sapataria franceza

(Continuação)

Na vitrine de Rousset Frères, fabricantes muito considerados de Blois, vi um outro sapato, typo Molière, de tal modo transformado, que o seu productor o apresentava como criação sua, processo, aliás, muito vulgar e uzado em toda a industria franceza. A parte superior do talão era de chagrin amarello; ao lado de dentro, a orelha prolongava-se sobre o peito do pé, como no sapato á Carlos IX, e vinha abotoar ao lado de fóra n'um unico botão. A pala era de polimento e d'um só bocado, formando com o prolongamento dos *gaviões*, como nós lhe chamamos em termo do officio, uma taloeira ou gaspea de traz, sobre o talão. No peito do pé, tinha uma fivella branca, de simples ornamento. O salto era á Luiz XV e o polimento enfeitado á machina, com bordados a torçal branco.

Esta metamorphose do velho sapato de orelha estava racional, elegante e muito bem executada, mas por baixo de toda esta transformação, estava evidente o typo Molière.

Outro *soi-disant* original:

Na vitrine Ferry vi uma bota para dama, atacada adiante, com simplicidade, e gaspeada em volta. Era o antigo modelo da bota atacada.

O cano, de pelle fina de phoca, era cortado em duas meias folhas até ao bico. A gaspea, de polimento fino, rodeando o pé todo em volta, abria na frente um grande recorte de forma oval, desde o bico, onde formava uma quasi biqueira, até proximo da abertura do peito do pé, onde simulava uma correia ou brida, semelhante na forma, ás do calçado grosso de caça, tendo ao centro um pequeno laço de forma circular. A gaspea de traz era lisa e em forma de taloeira, cobrindo toda a costura do cano.

Sob o recorte da gaspea da frente, apparecia a pelle de phoca, junta ao centro por uma costura por dentro com dois pespontos aos lados. O polimento era ponteadado a preto e o salto á Luiz XV.

Esta obra estava bem executada e era mesmo d'um certo effecto.

No fundo, era, como as outras que acabo de descrever ou mais ainda do que ellas, um typo vulgar. No entanto o seu productor apresentava-a, como os seus precedentes collegas, como criação sua.

Como já disse, estas *creações* são muito vulgares em França, e m'ito teria que escrever se quizesse fallar de todas as que, d'este genero, vi na Exposição. O meu fim porém, fazendo estas descrições, é sómente mostrar aos meus collegas, um dos meios mais poderosos, e relativamente facil de que os francezes se servem

para desenvolverem o seu commercio e propagarem a sua industria em todos os mercados do mundo.

Com effeito, os sapateiros francezes, indo estudar aos museus os calçados dos seculos passados, transformando-os e assimilando-os á industria actual e levando os depois, como creações da afamada *moda parisiense*, aos mercados estrangeiros, onde um certo *statu quo* da industria local tem sempre aguçada a predilecção do consumidor pelas novidades francezas, conseguem sem contestação, uma vantagem importante sobre os outros paizes, em favor dos seus productos. A quantidade consideravel de calçado de phantasia, que a França mette todos os annos na methodica Inglaterra onde a sapataria, se acha tão adiantada, ou antes, tão perfeita, como em França, é uma prova segurissima do que affirmo.

Existe por toda a parte uma clientella *coquette* que espera ansiosamente a *moda franceza*, como a ultima palavra do bom tom, do mundo elegante, e o que é forçoso confessar, é que ninguém sabe explorar esta clientella, como os francezes. Ora, as metamorphoses constantes dos seus artefactos, são o meio principal por elles empregado para essa exploração.

E' preciso porém, acrescentar que estas transformações e phantasias, são sempre de um gosto serio e correcto, e que em cousa alguma se podem comparar a umas certas bandalices, fabricadas entre nós pela sapataria barata e uzadas por pessoas de mau gosto.

Não vi porém, inferir-se d'isto, que todos os productos da sapataria franceza, são de primeira qualidade e de uma perfeição inexcédível. Havia tambem na Exposição muitas vitrines vulgares e de valor muito secundario. Fazendo justiça aos calçados de luxo, o de maior valor, não pretendo occultar ou deixar de notar as muitas vulgaridades e *camelotes* que estavam na secção franceza, não em pequena quantidade.

No calçado de primeira qualidade para homens, não tinha a sapataria franceza um lugar tão brilhante como no calçado de luxo para damas.

Não é que não houvessem lá algumas vitrines com boas obras: lá estavam, com effeito, bons trabalhos de alguns sapateiros de Paris e mesmo das provincias, mas no meio d'aquelle oceano de calçado e n'um paiz como a França, era pouco o que vi n'este genero. Fazendo notar isto a um collega francez, empregado da grande fabrica Hattat e a quem devo a amabilidade de algumas vezes me acompanhar em Paris, respondeu-me que os principaes sapateiros da capital, de calçado por medida, não tinham concorrido á Exposição. No entanto, o pouco calçado para homem, fabricado á mão, que ali vi, era d'uma execução perfeita: bom corte, elegante e de bom gosto; bons feitos e ajustados perfeitissimos.

Apesar de pouco numerosas, estas obras mostravam exuberantemente a superioridade do fabrico á mão sobre o trabalho mechanico. É que a produção das machinas, por mais perfeita que seja, ha-de ser sempre inferior ao bello fabrico manual.

A França, tambem n'este genero, não era excedida, por nenhum outro paiz.

Não é só no calçado de damas que o genero phantasia faz os seus progressos entre os francezes—alguns fabricantes de calçado de homem, exhibiam igualmente obras tão phantasiadas, como os mais caprichosos modelos dos melhores calçados das damas parisienses, embora a sua ornamentação differisse da do calçado de mulher, por um certo tom másculo, que não deixava confundir os sexos a que se destinavam uns e outros productos.

Não poudo deixar de notar esta harmonica distincção, onde como em tudo, se revelava a fina educação artistica e senso critico dos francezes.

Dentre as melhores vitrines com calçado phantasiado para homem, citarei as dos sapateiros—Tonnerieux, Hoffer, Galoyer, Ferry, etc., de Paris; Gouvenet, de Lyon; Rousset, de Biois, e muitos outros, cujos nomes é inutil citar.

Os fabricantes de calçado de phantasia, chamam-se em França sapateiros da *moderna escola*, enquanto que os de calçado simples, embora de superior qualidade, se denominam *classicos* ou da *antiga escola*.

Os francezes não tem grande consideração por aquillo que chamam a *velha escola*. Dotados de imaginação viva e genio inventivo, não admittem o conservantismo industrial. D'aqui a sua predilecção pelos trabalhos de phantasia. Isto é mais uma explicação da grande quantidade de calçado de phantasia que vi, não só no Campo de Marte, mas em grande numero de estabelecimentos da cidade.

As fôrmas extremamente bicudas são muito uzadas em França nos calçados ordinarios e de fabricação média, attestando, lá como cá, o mau gosto dos consumidores d'estas qualidades, que são o grande numero.

O calçado superior é sempre feito por fôrmas de bicos relativamente largos e muito d'elle, pelas chamadas racionaes. As fôrmas exaggeradamente acanoadas, de que tanto se uza e abusa entre nós, não as vi n'um unico estabelecimento em Paris. Todo o calçado, ordinario, médio e superior, é feito por fôrmas de uma

elevação de bicos muito racional, quer estes sejam estreitos ou largos.

Alguns expositores de obras de primeira qualidade, apresentavam calçado enformado e encospeado.

As botas grandes para cavalleiro, caçador, militar etc., são sempre encospeadas em duas encospeas, direita e esquerda, dando ao cano as formas approximadas da perna.

O calçado superior é mais caro em Paris do que entre nós o genero que lhe corresponde. E' vulgarissimo vermos, por exemplo um bote atacado ou de carcella, canos de pellica ou de chagrin, gaspeado de vitella ou polimento, custar quarenta a quarenta e cinco francos e mais; isto é, 7 a 8,000 réis, approximadamente.

Um sapato vulgar, de pellica, polimento ou vitella, com uma ou duas solas, não se faz nas sapatarias de primeira ordem, de Paris, por menos de 35 a 40 francos, e ás vezes mais.

A bota grande, para cavalleiro, tipo Chantilly ou outro qualquer, não sae nunca das mãos do *bottier* afamado, por menos de 70 a 80 francos, e muitas obras d'este genero elevam os seus preços acima de 100 francos. O sapatinho de baile, para dama, de seda ou setim, salto á Luiz XV, nunca espanta a clientella do bom tom, quando o seu productor pede por elle, 40 a 50 francos. Os preços de calçado de phantasia para damas, nas sapatarias de primeira ordem, sobem ainda acima d'estes; apesar d'isto, essas sapatarias abundam em Paris, o que significa que ha ali sempre uma clientella numerosa, dos calçados d'este genero. Esta clientella não é nunca *relativamente equal* á das pequenas cidades, como muitos pensam erradamente, mas muito maior do que a d'estas pelas circumstancias especiaes e peculiares dos grandes centros se não fora assim, Paris não sustentaria tanta sapataria de luxo.

Estes preços descem por uma escala variadissima, á proporção que os productos se approximam do genero ordinario, chegando a atingir quantias fabulosamente baixas. D'elles darei umas amostras, á medida que for fallando dos differentes generos.

(CONTINUA)

F. Soares Moita.

Delegado á Exposição de Paris

Secção Noticiosa

Resistencia dos operarios.—Em Londres tem existido entre patrões e operarios sapateiros desde alguns annos, difficuldades de se entenderem sobre salarios, do que tem provido mal a ambos os lados. Combinações accordadas em commissão, de numero equal de ambos os grupos, tem sido logo regeitadas em reunião geral dos operarios.

Não falta do lado dos fabricantes quem muito se empenhe por harmonisar a contenda.

Agora apparece do lado dos operarios a reclamação de passarem a trabalhar dentro de officinas creadas pelos patrões. Estes não duvidam annuir, mas exigem a garantia de que assim fornecido o trabalho em commum aos operarios, estes não abusem de estarem reunidos em numero maior para originarem greves com mais facilidade.

Grêve dos sapateiros.—Telegramma de Londres, de 31 de março, deu começada a grêve dos sapateiros. Assegura-se que comprehenderá 20,000 operarios.

Operarios allemães.—O socialismo cresce na proporção da miseria do povo, se elle extraordinariamente se desenvolve na Allemanha, é porque alli os salarios não estão em relação com os encargos da vida. Dizem de Berlim, que de todas as classes de operarios, a dos sapateiros trabalhando em fabrica, não é das menos felizes. A sapataria allemã trabalha enormemente, mas n'esta occasião experimentou tambem menos actividade.

No 1.º de maio.—Os trabalhadores de Berlim alugaram anticipadamente para esse dia, todas as grandes salas de concerto e de cervejaria, bem como todos os jardins, para se reunirem.

Recommendam a abstenção de trabalho n'esse dia, annunciando-se em todos os logares, durante a manhã, reuniões discutindo a redução a 8 horas periodicas do trabalho dos operarios.

O governo prepara-se para reprimir semelhante manifestação.

O novo chanceller allemão.—Com as grêves que se promovem na Allemanha, apparecerão decerto serias desordens. O novo chanceller preveniu que as tres intimações sejam substituidas por toques de clarim e fazer fogo em seguida sem a intervenção das auctoridades civis.

Os surradores de Paris.—Recentemente, o governo francez prohibiu a entrada em Paris ao gado de que a capital se nutre, devendo esse gado ser abatido fóra da cidade, e no estrangeiro, se do estrangeiro elle é importado. Vivo é que não pode ser por causa da febre aphtosa, cuja epidemia grassa com intensidade na Allemanha e na Austria, e da qual o governo receia o contagio.

Antes do decreto que publicou a interdição, entravam em Paris 24.000 cabeças ou sejam 24.000 pelles a surrar, que agora faltam aos braços dos que se occupam em tal mister. São elles que reclamam o *statu quo* anterior, isto é, pura e simplesmente o *direito d'entrada*, tal qual estava estabelecido para os animaes vivos.

Os surradores foram, pois, em procissão ao Hotel de Ville, acompanhados d'um camarista que os dirigia. Ahi se entenderam dois delegados em nome d'elles com o presidente do municipio. D'ahi seguiram para a camara dos deputados, sendo recebidos pelo presidente, a quem ainda o mesmo camarista os apresentou. O sr. Floquet, que, como presidente, não tem alçada nenhuma para intervir nos actos do governo, prometeu o seu auxilio como deputado de Paris.

A manifestação foi pacifica e só houve uma prisão, o que já é generosidade policial.

Os surradores apresentam-se calmos, mas se o governo não der satisfação ao que elles pedem, os patrões, que se acham d'accordo com o seu pessoal, apagarão as caldeiras; e esta industria, e as que d'ella dependem, pôr-se-hão em greve. Paris ficará reduzida, durante certo tempo, á falta de carne, situação que a politica procura explorar.

De sabbado para cá os surradores tem-se reunido por varias vezes e por ultimo decidiram fazer outra manifestação.

(Paris, 28 de março, correspondencia enviada á PROVINCIA, do Porto.)

Londres não foi exceptuada.—No mez de janeiro os negocios da sapataria por miudo foram tambem fracos na capital de Inglaterra.

Falta de trabalho.—Em Madrid giram pelas ruas operarios aos centos pedindo trabalho. Aos estabelecimentos do Estado tem sido enviados bastantes para se lhes dar de comer! Lêmos isto em um jornal de março.

Feira de Aveiro.—Em 25 de março começou n'esta cidade a sua grande feira annual, aonde concorrem feirantes com calçado do Porto, Lisboa, Vizeu, Penafiel, Braga e Guimarães.

Incendio na Regoa.—Em 2 do corrente um grande incendio destruiu um importante estabelecimento de sapataria na Regoa (Douro).

Fabrica Damasceno.—Este incansavel industrial já recebeu a colleção de machinas que esperava. Consta-nos que está procedendo á sua montagem. Desejamos que as diligencias sejam coroadas de feliz exito. Agradecemos a sua delicadeza enviado a esta redacção um exemplar do seu catalogo illustrado, o qual é mais um documento dos seus cuidados em attrair clientella. Sinceramente desejamos que ella recompense tantas fadigas.

Paris tambem soffreu.—O negocio do calçado no começo d'este anno na capital da França esteve desanimado. Em tal situação muitas casas se lembraram de separar calçados para liquidação e chamariz de compradores. Viam-se cabazes cheios de calçado mais demorado fóra das portas, outros nas vitrines com etiquetas e indicações de preços muito baixos, e grandes legendas de *liquidation, ruine, sacrificio enorme*, etc. E' estratagemas usadas, que attrahe alguns freguezes mas que affasta outros.

Malange.—No dia 2 de março seguiu para o Brazil o paquete portuguez *Malange*, da Companhia Nacional Mala Real. Foi cheio de carga e conduziu grande numero de passageiros. Foi patrioticamente iniciada a carreira, e como era de esperar os nossos patricios no Brazil festejaram a chegada e vão coadjuvar o seguimento das viagens. E' de menos alguns interesses para os inglezes, é mais trabalho nacional e mais dinheiro que nos fica em casa.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

AS SAPATARIAS

CALÇADO DE SALTOS Á LUÍZ XV
EM TODOS OS GENEROS E QUALIDADES

Forneco para revender a officina de

S. A. SERRANO
5, 1.º E--Rua do Sol ao Campo de Sant'Anna--LISBOA

P. PLANAS
92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiales para la fabricacion de calzado
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedade Científica Europea, de Bruselas
Premiado con medalla de oro
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el día, como lo acredita el haber montado las principales fábricas de España y Sud-America.

Envío de catálogos detallados, según demanda

FABRICA A VAPOR DE ALPARGATAS

DE

Gonzalez & Tejedor

197 — Rua Occidental do Campo Grande — 197

LISBOA

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos para uso da rua, de casa e de banho.
Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permittem apresentar este anno trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços baratissimos para revender.

CORTES PESPONTADOS EM TODOS OS GENEROS
MOLDES PARA CALÇADO
 EM CARTÃO OU ZINCO
 FORNECEDOR
VICTOR GOMES
 190, RUA DOS FANQUEIROS, 190
 LISBOA

DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS
 PARA SAPATEIROS E CORREEIROS
 DE
RICARDO DIAS & C.^A
 159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.^o
 LISBOA
 Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado
Vendas por grosso

MANUFACTURA DE COURO ENVERNISADOS
 BEZEROS PELLICAS E PRETOS ENGRAXADOS
GASQUIEL, A. DONZEL & C.^{te}
 à AUBERVILLIERS (Seine, França)
 Depositos em Paris, 30, rue de Rambuteau
 REPRESENTADOS POR DIEGO ARACIL
 31, Magdalena, MADRID

DEPOSITO DE FORMAS PARA CALÇADO
 Fabricadas por conta e sobre modelos exclusivos d'esta casa



Modelo 1



Modelo 2



Modelo 3

JACINTHO J. RIBEIRO
 Estabelecimento de sola, pelles e artigos para calçado
 IMPORTAÇÃO DIRECTA E EXPORTAÇÃO

Fivelas para botas e polainas



Colchetes modernos para calçado



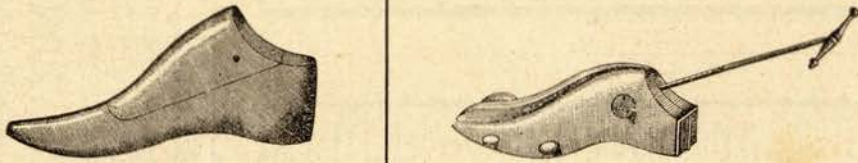
Unicos colchetes que offerecem a devida solidez
 198, 200, RUA DOS FANQUEIROS, LISBOA

F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO

DE

MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères,
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

8

ADOLPHO LUZ & IRMÃO

Rua dos Fanqueiros, 244

LISBOA

Armazem de sola e pellaria
curtida de todas as qualidades e mais artigos con-
cerntes ao fabrico de calçado.
Enviarmos nota dos seus preços a quem lh'a requisitar assim como qualquer en-
comenda para qualquer ponto do paiz contra remessa em valor sobre esta praça.



JOAQUIM DE SOUZA ARCO

Premiado na Exposição de Paris de 1889

CALÇADO DE LUXO

PARA

CREANÇAS

Officina = Calçada da Barroquinha, 4, 1.º

ALMADA

10

Alcantara & C.ª

FABRICA DE SAPATOS DE TRANÇA

Alcantara, T. da Cascalheira, 24, Lisboa

PREÇOS

11

N.ºs 1 a 5, sapatos de criança, duzia.....	37360 réis
» 6 a 11 » » menina, »	47380 »
» 1 a 5 » » mulher, »	57760 »
» 6 a 11 » » homem, »	77020 »

ABATIMENTO CONVENCIONAL